

Friedrich Engels e a pedra filosofal da crítica da economia política

João Claudino Tavares*

Resumo:

Ao se completarem 120 anos da morte de Friedrich Engels, fazem-se indicações para os estudos do marxismo (re) aproximando Karl Marx deste seu amigo, tornando-os indissociáveis. Aponta-se como nas formulações de cada um encontram-se as do outro, e vice-versa, assim como as implicações da individualização dos trabalhos. Demonstra-se a importância e a atualidade da crítica inaugurada por Engels em *Esboço de uma crítica da economia política*.

Palavras-chave:

Friedrich Engels; materialismo dialético – esboço.

Friedrich Engels and the philosopher's stone of the critique of political economy

Abstract:

On the 120th anniversary of Friedrich Engels' death, Marxism studies (re)approaching Karl Marx of Friedrich Engels are pointed out, making them inseparable. It is stated how one's formulations are present in the formulations of the other and vice versa, as well as the implications of work's individualization. It is demonstrated the importance and the relevance of the criticism inaugurated by Engels in the *Outlines of the critique of political economy*.

Key words:

Friedrich Engels; dialectical materialism – outlines.

* Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF – Rio das Ostras).

Introdução

De um modo geral, quando nos aprofundamos nos estudos do marxismo, muitas vezes somos conduzidos a dar mais importância à produção de Karl Marx. Não é incomum que os trabalhos de Engels sejam secundarizados. Por que isto acontece? O próprio Engels se qualificou como sendo o segundo violino no que podemos considerar a ontologia do marxismo.

Num pronunciamento de muita generosidade e fidelidade a Marx, Engels afirmou:

Que me permitam aqui uma explicação pessoal. Recentemente, por diversas vezes, tem-se feito alusão ao papel que eu teria desempenhado na elaboração dessa teoria, e é por isso que não posso dispensar de dizer algumas palavras para clarificar esse ponto. Eu não posso negar, antes e durante a minha colaboração de 40 anos com Marx, certo contributo tanto na elaboração como, sobretudo, no desenvolvimento da teoria. Mas a grande maioria das ideias diretrizes fundamentais, particularmente no domínio econômico e histórico, e especialmente na sua formulação definitiva, rigorosa, são obra de Marx. A minha contribuição – talvez com a exceção de alguns ramos especiais –, Marx tê-la-ia muito bem dispensado. Mas o que Marx fez eu não poderia ter feito. Marx ultrapassou-nos a todos, via longe, mais ampla e rapidamente que todos nós. Marx era um gênio. Nós, no máximo, seremos talentosos. Sem ele a teoria estaria longe de ser o que é. É pois justamente que ela tem o seu nome. (ENGELS, 1976, p. 271, nota de rodapé)

Segundo David McLellan, Engels é considerado um idealista, inspirador da social-democracia e foi vulgarizado pelos manuais soviéticos. Para ele:

O materialismo grosseiro é a mais conservadora das doutrinas e não é surpreendente que, com a consolidação do regime estalinista, as vulgarizações de Engels se tenham tornado o conteúdo filosófico principal dos manuais soviéticos – situação que pouco mudou depois disso. (MCLELLAN, 1979, p. 72)

Agora, quando se completam 120 anos da morte de Engels, é mais que justo e oportuno recuperar e reiterar a importância das suas formulações e (re)colocá-lo no seu lugar merecido, que é ao lado e junto de Marx, sem essa de procurar quem foi melhor ou quem mais produziu em termos de crítica material da realidade.

Como dito anteriormente, algumas leituras e muitas orientações, com implicações de diversas naturezas, procuram diminuir a importância de Engels e até mesmo de Marx. Estas tendem a eliminar ou a desprezar Engels, deixando-o praticamente sem lugar no marxismo. Neste meio encontramos muitos que reivindicam o marxismo por sua própria conta, outros até procuram aprofundar o que Marx teria deixado no meio do caminho ou apenas tocado.

O presente artigo, além da introdução e das considerações finais, é composto por dois itens nos quais problematizamos: 1) no primeiro, as grandes questões que tendem a afastar Marx de Engels e suas implicações, além de apontarmos os elementos da indissociabilidade das duas contribuições, por mais que haja muitos trabalhos assinados individualmente ora por Marx ora por Engels; e 2) no segundo item dialogamos com o *Esboço de uma crítica da economia política*. Este, sim, é um texto produzido exclusivamente por Engels e logo em seguida cancelado por Marx em seus *Manuscritos econômico-filosóficos*. Na verdade, o *Esboço* foi o material produzido por Engels que encantou Marx desde o primeiro contato.

Para além de mais uma reverência, o nosso objetivo aqui é o de chamar a atenção para o estudo do marxismo, parafraseando Che Guevara, “com a seriedade que a gigantesca doutrina merece”, incluindo os trabalhos de Friedrich Engels e o colocando no mesmo patamar que Karl Marx.

O lugar de Engels no marxismo

É inquestionável que *O capital*, de Karl Marx, é a obra mais relevante das formulações marxiana e marxista. Um cuidado a se ter em conta, mesmo para os que estudam a partir da crítica da economia política, é o de que a compreensão só alcança a sua totalidade quando se dominam os quatro livros que compõem a obra. O Livro I, que trata da produção; o Livro II, da circulação e apropriação do valor-capital; o Livro III, do capital em sua totalidade e do processo de reprodução; e o Livro IV, da história, também denominado *Teorias da mais-valia*. Se desconsiderarmos a totalidade destas formulações e elegermos uma dimensão ou passagem como referencial, tanto seremos parciais no marxismo quanto as lacunas deixarão brechas para acusações dos vulgares ao marxismo. Corre-se até o risco de transformar Marx num vulgar¹. É, entretanto, uma tarefa tanto muito complexa quanto

1 Lênin observou muito apropriadamente como Kautsky transformou Marx num pensador vulgar (LENINE, 1974), qualificando-o de renegado, reacionário e reformista pequeno-burguês (LÊNIN, 1987, pp. 110 ss).

absolutamente necessária. Aliás, como disse o próprio Marx, na “entrada para a ciência – como na entrada do Inferno – é preciso impor a exigência: ‘Que aqui se afaste toda a suspeita, Que neste lugar se despreze todo o medo’ (DANTE, *Divina comédia*)” (MARX, 1982, p. 27).

Antes de tudo, algumas questões importantes devem ser ressaltadas. Como observou Marx:

A filosofia, pelo seu próprio caráter, nunca deu o primeiro passo para trocar o hábito ascético de padre pelo vestido ligeiro convencional dos jornais. Só que os filósofos não crescem como os cogumelos, são frutos de sua época, do seu povo, cujos humores mais sutis, mais preciosos e menos visíveis circulam nas ideias filosóficas. É o mesmo o espírito que edifica os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos e o que constrói os caminhos de ferro com as mãos dos operários. (MARX, 1976, p. 33)

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os novos fundamentos de abordagem do mundo resultaram do encontro do filósofo com o estudioso d’*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. A citação anterior elucida bem o que representa o materialismo dialético como fundamento para uma abordagem do mundo real e sua apreensão como crítica científica. Do encontro do espírito filosófico edificado no cérebro (Karl Marx) com quem viu a mão do operário construindo os caminhos de ferro (Friedrich Engels) resultou a síntese do materialismo dialético, tendo a base material como ponto de partida, como mediação e ponto de chegada.

Tendo vivido vidas singulares e preocupações singulares, ao se encontrarem descobriram um descontentamento comum com o que havia de mais avançado, o pensamento filosófico de Hegel, tendo como último representante Ludwig Feuerbach. A partir da nova crítica, considerando a base material da produção da riqueza na Inglaterra, a luta de classes na França e o pensamento filosófico na Alemanha, Marx e Engels lançaram o “germe genial da nova concepção do mundo” (ENGELS, 1976, p. 233).

A partir do encontro de Marx e Engels os dois combinaram trabalhar juntos para ressaltar os antagonismos existentes entre eles e o pensamento dominante. Feitos os estudos, acentuadas as diferenças, resultou:

O manuscrito, dois grossos volumes in-oitavo, estava havia muito tempo entregue ao editor, em Westphalia, quando soubemos que circunstâncias novas já não permitiam a impressão. Abandonamos voluntariamente o manuscrito à crítica roedora dos ratos, tanto mais que havíamos atingido o nosso objetivo principal: ver claro em nós mesmos. (ENGELS, 1976, pp. 231-2; MARX, 1982, p. 26).

Esta obra é *A ideologia Alemã*: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner e do socialismo alemão dos seus diferentes profetas.

A segunda metade da década de 1840 foi o tempo em que os trabalhos eram assinados por ambos, a exemplo de *A sagrada família*, *A ideologia alemã* e *Manifesto comunista*. Depois, cada um assinou os seus; não obstante, torna-se indissociável o pensamento de Marx e Engels. Tanto encontramos explicitamente Marx nos textos assinados por Engels quanto Engels nos escritos de Marx. A partir da década de 1850 as produções teóricas de Marx e de Engels são assinadas individualmente, embora possamos identificar no trabalho de cada um a contribuição do outro.

A crítica da economia política começou com Engels. Ele influenciou Marx ao ponto de ter sido base para os *Cadernos de Paris* e para os *Manuscritos econômico-filosóficos*. Em *O capital* aparece explicitamente a colaboração de Engels, particularmente no Capítulo 13 do Livro I, que trata da grande indústria moderna, em que Marx tomou claramente como referência o livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (MARX, 1978, p. 328), no *Anti-Dühring* (ENGELS, 1971, p. 338), nas correspondências e em *O capital*² (MARX; ENGELS, 1978, pp. 661-712). Sem mais, todos sabemos do empenho de Engels para a publicação dos livros II e III de *O capital*.

Engels reapareceu no cenário depois da morte de Marx cuidando do que este havia deixado inacabado ou sem publicação, atividade cujo desenvolvimento causou algumas polêmicas. Uma ilustração desta polêmica está centrada em possíveis lacunas encontradas nos livros II e III de *O capital*, particularmente a discussão em torno da transformação dos valores em preços de produção. Esta passou a ser alvo dos adversários do marxismo, a começar por Eugen von Böhm-Bawerk, desde a publicação do Livro III em 1894. Assim, em vez de se procurar entender melhor as questões, atribuem-se os possíveis erros das obras de Marx a Engels. Para salvar Marx? Marx precisa de salvação? Este processo, seja sem consciência ou com perversidades (para não falar dos malefícios do stalinismo, de que não nos ocuparemos aqui), tem importantes implicações.

Para superar certas limitações e enriquecer os fundamentos da crítica precisamos (re)visitar Engels como grande pensador que enxergava rápido e longe. Ele era um homem inquieto, atento e curioso em todos os ramos da ciência. A partir do método dialético apreendeu muito cedo como fazer crítica científica em diversos campos sem ser superficial. Levantou questões que podem ser consideradas bastante atuais. São questões que suscitaram debates recorrentes em suas mais diversas dimensões. Ele o fazia sem querer saber de tudo. Aliás, que queria ser o senhor sabedor de tudo era o Dr. Dühring.

2 Se fosse hoje poderíamos considerar os *links* de um trabalho no outro, e vice-versa, como uma espécie de hipertexto.

Não obstante, identificamos ainda uma preocupação em relação ao que poderia acontecer com o material deixado se caísse em mãos que pudessem comprometer a originalidade ou mesmo que implicassem outros riscos. Podemos perceber algo desta natureza nas formulações de Silveira (2002). A ida da ex-mulher de Kautsky, Louise, para cuidar de Engels teria sido “um plano arquitetado por Bebel e Adler para garantir que, depois que o General falecesse, os papéis, manuscritos, cartas e as valiosas bibliotecas não só dele, mas também de Marx, os dois grandes nomes do socialismo, ficassem com o Partido Socialista Alemão” (SILVEIRA, 2002, p. 118). Diante disso, Eleanor, filha de Marx, teria manifestado “o temor de que, quando Engels falecesse, os papéis de Marx – que estavam em sua casa e sob seus cuidados – passassem para as mãos do casal de médico e governanta, que, Eleanor acreditava, seria capaz de tudo, queimá-los ou vendê-los, o que fosse mais conveniente” (SILVEIRA, 2002, p. 119). De todas as maneiras, este procedimento implicaria o patrulhamento sobre o que seria o marxismo daí em diante ou, no mínimo, na separação de Marx e Engels. A implicação seria a de considerar Engels um pensador menor ou um empirista ou, ainda, um social-democrata. Estas questões nos incomodam e nosso estudo procura entender os motivos e recolocar Engels no seu lugar de direito, isto é, ao lado de Marx, num mesmo patamar.

Fundamentos da crítica da economia política

Uma questão que pretendemos esclarecer, tentando entender as controvérsias, diz respeito ao seguinte tema. Numa época em que dominavam as formulações da escola ricardiana, não parecia comum que um jovem de 23 anos de idade escrevesse um texto tão provocativo e com tanta segurança, com tantos elementos ao ponto de iniciar uma importante história que tem sido a da crítica da economia política. Trata-se do texto *Esboço de uma crítica da economia política*, publicado em fevereiro de 1844. Este é o texto de referência da crítica da economia política e de encontro com o jovem doutor Karl Marx, a despeito de que alguns considerem muitas passagens escritas num “tom moralizante” (ENGELS, 1979, p. 1).

Em 1844, Engels apresentou o que seriam os fundamentos da crítica da economia política. Para formular uma crítica é imprescindível conhecer as contribuições, os avanços e os limites de cada escola e/ou pensador. No caso, Engels tomou como referência as contradições da realidade da Inglaterra. Inicialmente, definiu a economia política, produto da expansão do comércio: “A economia política surgiu como consequência natural da expansão do comércio e, com ela, um elaborado sistema de fraudes consentidas, uma completa ciência a favor do enriquecimento substituiu a troca simples, não-científica.” (ENGELS, 1979, p. 1)

São três movimentos da compreensão da economia, a saber: 1) como arte na ingênua formulação dos teóricos da balança comercial ou os mercantilistas; 2) sua crítica e evidentes progressos da economia política inglesa, particularmente destacando as contribuições de Adam Smith e David Ricardo; chegando a 3) a economia moderna ou economia liberal. Estes movimentos correspondem ao processo de consolidação da produção da riqueza social sob o comando do capital. Em outras palavras, é o processo de afirmação do capital e do capitalismo até o movimento em que o “sistema [estava] concluído em sua totalidade, as consequências estavam tiradas, as contradições manifestavam-se à luz do dia suficientemente claras e, contudo, eles não reexaminaram as premissas, aceitando responder sempre pelo processo como um todo” (ENGELS, 1979, pp. 4-5).

Dos progressos e limites decorrentes de cada tempo histórico, as contribuições se esgotam e passam a dar lugar aos sofismas e hipocrisias dos estudiosos das questões econômicas. Isto levaria Engels a fazer a seguinte afirmação:

Quando mais os economistas se aproximam do presente, mais se afastam da honestidade. Quanto mais o tempo avança, mais os sofismas necessariamente aumentam. É por isso que, por exemplo, Ricardo é mais culpado do que Adam Smith e Mac Culloch e Mill mais culpado do que Ricardo (ENGELS, 1979, p. 5).

A primeira grande crise de superprodução do capital, materializada no colapso comercial na Inglaterra, acontecida em 1825, é considerada o momento histórico que demarca o que podemos qualificar como o limite da economia política, decorrente de sua capacidade de explicar a produção do capital. A crítica da economia política pode explicar a sua reprodução e indicar elementos da possibilidade e da necessidade de superação do capital.

Os sofismas dos economistas decorrem do desvio dos estudos da base material da produção da riqueza e de suas contradições, as quais já “manifestavam-se à luz do dia suficientemente claras” para se apoiarem nos estudos sobre os consumidores, por meio de um emaranhado de confusões conceituais. Marx denominaria estes estudos baseados em sofismas, hipocrisias e apologias ao sistema capitalista de economia vulgar.

Na clareza da percepção de Engels reside a sua genialidade. Assim, o momento em que o capitalismo atingiu a sua maturidade foi por volta de 1825. Seria o momento da primeira crise de superprodução do capital, a crise comercial do capital na Inglaterra. Quando a totalidade das consequências se explicita evidenciam-se os elementos para a formulação da crítica da economia política, a qual Engels faria examinando as categorias fundamentais do sistema e suas contradições (ENGELS, 1979, p. 6).

A base material fundamental passava a ser a da propriedade privada e o sistema fabril alavancava a produção da riqueza social. As novas relações sociais dissolviam, uma a uma, todas as relações anteriores. Como exemplo, Engels citava o caso da dissolução da família.

O último traço dos interesses comuns, a comunidade familiar de bens, foi minada pelo sistema fabril e – pelo menos aqui, na Inglaterra – está a ponto de ser dissolvida. Cotidianamente, as crianças, logo que estão em idade de trabalhar (ou seja: quando chegam aos nove anos), gastam o salário em usos próprios e consideram a casa paterna simples pensão, entregando aos pais uma quantia para a alimentação e alojamento. (ENGELS, 1979, p. 8)

O salário e a reprodução da força de trabalho passavam a ser a referência da produção da existência da classe trabalhadora. Esta relação dissolvia as formas individuais de produção da existência. Assim, também o processo de concentração e centralização do capital dissolvia a livre concorrência, tornando-a “uma impossibilidade” (ENGELS, 1979, p. 27).

Diante das contradições explicitadas pela base material da produção da riqueza, os economistas, particularmente os economistas liberais, não conseguiam explicar a realidade.

Mas o economista, ele mesmo, não sabe a que causa serve. Não sabe que, com todo o seu raciocínio egoísta, constitui apenas um elo da corrente do progresso universal da humanidade. Ele não sabe que, dissolvendo todos os interesses particulares, apenas abre a via à grande subversão para que caminha este século; a reconciliação da humanidade com a natureza e consigo mesma. (ENGELS, 1979, p. 9)

Depois de observações gerais, Engels passou a analisar as categorias da produção da riqueza social, a começar pelo valor. De início diferenciou a compreensão do desdobramento do valor: por um lado, o valor visto a partir dos custos de produção, associado à formulação de David Ricardo e, por outro, o valor associado à utilidade, como formulada por Jean-Baptiste Say. Aí identificou problemas em cada um das formulações, concluindo que “Os economistas não sabem resolver nada” (ENGELS, 1979, p. 9). Sobre a primeira formulação, Engels dizia que “o valor abstrato e a sua determinação pelos custos de produção, com efeito, são abstrações, monstruosidades” (ENGELS, 1979, p. 10). Por outro lado, “a utilidade de um objeto é algo puramente subjetivo e, portanto, não se pode calcular de modo absoluto, pelo menos enquanto não nos desembaraçarmos das contradições” (ENGELS, 1979, p. 10).

Engels discutia cada uma das categorias da produção da riqueza social demonstrando as limitações dos economistas quanto à sua natureza e as implicações e os limites da aparência para a explicação da realidade. Ainda que de maneira um tanto precária – pois que não conseguia fazê-lo de maneira mais aprofundada –, fincaria os pilares da crítica da economia política. Seria o que podemos chamar de *pedra filosofal* da crítica.

As questões levantadas no *Esboço* serviriam imediatamente como indiscutível referência para os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Aliás, no Brasil, o fichamento do *Esboço* feito por Marx só foi publicado recentemente pela editora Expressão Popular sob a denominação de *Cadernos de Paris*. Neste texto Engels já apontava que, embora o trabalho seja a fonte da riqueza, esta se opõe ao trabalhador na forma de salário. Aqui o salário ainda aparecia como retribuição do trabalho (ENGELS, 1979, p. 17), e não como pagamento da força de trabalho. Não obstante, o texto expressa o domínio, a maturidade e segurança no que disse. A base material é a fonte do confronto com as ideias. O *Esboço* demarca o tempo histórico, suas virtuosidades e seus limites para a compreensão e interpretação da realidade, demarcação do tempo do capitalismo em formação para quando os elementos de sua produção se completam e se explicitam. A partir de então, apresentar-se-ia uma bifurcação no caminho: ou se seguia a crítica, a exemplo do caminho apontado por Engels, ou, por outro lado, passava-se a elaborar formulações desprovidas de cientificidade, cheia de hipocrisias, sofismas e desonestidades.

Embora expressasse então muitos limites, Engels foi, com certeza, um dos homens mais avançados do seu tempo. O que fez o *Esboço* ser um texto clássico foi o fato de ter captado os elementos da produção do capital, os quais foram posteriormente aprofundados e retomados por Engels e, principalmente, por Karl Marx. Outra virtuosidade do texto está em que nos pode servir de referência para a crítica do debate atual dos economistas conservadores e reacionários, isto é, para o combate da economia vulgar.

Num momento, como hoje, em que a sociedade procura meios de controle da criminalidade, clama por segurança construindo presídios, isto é, procurando retirar de circulação aqueles que consideram transgressor, muitos dos quais são trabalhadores que se encontram sem emprego, é importante retomar o que Engels disse mais de 150 anos atrás:

A extensão do sistema fabril acarreta, em toda parte, um aumento da criminalidade. Pode-se avaliar, antecipada e anualmente, o número de prisões, de atos criminosos e até de assassinatos, de assaltos, pequenos roubos etc., para uma grande cidade ou um distrito com uma exatidão cada vez maior, como se verifica frequentemente na Inglaterra. Esta regularidade demonstra que também o crime é regido pela concorrência, que a sociedade suscita uma *procura* de crimes que é satisfeita por uma *oferta* apropriada; demonstra que o vazio criado pela prisão,

pelo desterro e pelo enforcamento de alguns é logo preenchido por outros, do mesmo modo que toda redução demográfica é logo anulada pelos novos que nascem; noutros termos: demonstra que o crime faz tanta pressão sobre os meios de repressão quanto as pessoas sobre os empregos. Pondo de parte outras considerações, deixo ao juízo dos meus leitores avaliar a justiça que, nestas circunstâncias, há na sanção aos criminosos. Para mim, trata-se simplesmente de expor aqui a extensão da concorrência e de mostrar, além disso, a que estado de profunda degradação a propriedade privada lança o homem. (ENGELS, 1979, p. 28)

A lucidez da citação acima mostra a capacidade de apreensão dos elementos da essência da produção da existência mediada pelo capital e indica os caminhos para a sua superação, que não pode ser outro que não a superação do capitalismo. O dilema está em tentar corrigir problemas da reprodução do capital procurando garantir longa vida a este mesmo capital ou, por outro lado, demonstrar a inviabilidade de o processo de reprodução criar condições que possam superar o “estado de profunda degradação” ao qual “a propriedade privada lança o homem”.

Considerações finais

É verdade que cada ser traz em si sua singularidade que decorre de um sem-número de elementos. Também é verdade que cada um intervém na história a partir do ponto em que encontra, ou como disseram Marx e Engels:

A história nada mais é do que o suceder-se de gerações, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças produtivas a ela transmitida pelas gerações anteriores; portanto, por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições, o que então pode ser especulativamente distorcido, ao converter-se a história posterior na finalidade anterior. (MARX; ENGELS, 2007, p. 40)

Um estudo mais atento, seja de Marx ou de Engels, poderá mostrar a influência mútua. Das singularidades de cada um, até o encontro, forma-se uma grande indissociabilidade das formulações, nascendo um casamento duradouro e uma fidelidade e compromisso de Engels para com os trabalhos inacabados deixados por Karl Marx.

No Brasil o problema é ainda maior, devido à forma como as obras são publicadas, retardatariamente e cheias de vieses e/ou vícios e patrulhamentos. Dessa forma, para quem se limita à leitura em português os problemas só reverberam depois³.

Por estas e outras, convidamos à leitura de Engels, a começar pelo *Esboço*, como forma de apreensão do marxismo “com a seriedade que a gigantesca doutrina merece” ou, como dito por Marx, pressupondo “leitores que queiram aprender algo de novo e queiram, portanto, pensar por conta própria” (MARX, 1983, p. 12).

Referências bibliográficas

- BERMAN, Marshall. “Rasgando os véus: o *Manifesto comunista* (posfácio)”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012, pp. 91-109.
- CARCANHOLO, Reinaldo. *Capital: aparência essência v. II*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- ENGELS, Frederico. *Anti-Dühring ou a subversão da ciência pelo sr. Eugénio Dühring*. Lisboa: Edições Afrodite, 1971.
- _____. “Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre a religião*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1976, pp. 231-93.
- _____. Esboço de uma crítica da economia política. *Revista Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 5, pp. 1-2, 1979.
- _____. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.
- LÊNIN, Vladimir Ilich. *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. 5. ed. São Paulo: Global, 1987.
- _____. *A revolução proletária e o renegado Kautsky*. Coimbra: Centelha, 1974.

3 Aqui cabe, porém, uma ressalva de que talvez as novas gerações possam ler Marx com mais rigor, aliás, rigor sugerido pelo próprio Marx quando, na primeira edição de *O capital*, disse: “Estou, naturalmente, pressupondo um leitor que queira aprender algo novo, desejo, portanto, de pensar por sua própria conta”.

MARX, Karl. “Editorial do n. 179 da *Gazeta de Colônia*”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre a religião*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1976, pp. 15-44.

_____. *El capital: crítica de la economía política* t. I. 13. reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

_____. *Para a crítica da economia política / Salário, preço e lucro / O rendimento e suas fontes*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *O capital: crítica da economia política* l. I t. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. “Cartas sobre el tomo I de *El capital*”. In: MARX, Karl. *El capital: crítica de la economía política* t. I. 13. reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1978, pp. 661-712.

_____. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCLELLAN, David. *As ideias de Marx*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *As ideias de Engels*. São Paulo: Cultrix, 1979.

_____. *Marx: um século de pensamento político (1883-1983)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SILVEIRA, Maria José. *Eleanor Marx, filha de Karl* (um romance). São Paulo: Francis, 2002.